

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

**PRAÇA ARY COELHO NA CIDADE DE CAMPO GRANDE/MS:
RELAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIOESPACIAIS**

**ARY COELHO SQUARE IN THE CITY OF CAMPO GRANDE / MS:
HISTORICAL AND SOCIOESPACIAL RELATIONS**

**Otávio Cavalcanti dos Santos Junior¹
Orlando Moreira Junior²**

Resumo: O artigo aqui apresentado tem como finalidade analisar quais as relações e percepções sobre o objeto de estudo, pois parte de pressupostos teóricos e das histórias oral das pessoas que visam atenuar a identidade da Praça Ary Coelho, em local central em nossa cidade de Campo Grande/MS, assim como seu patrimônio cultural e tombamento histórico. O presente estudo enfoca o histórico, cultural e as relações socioespaciais dentro de contextos de territorialidades local. O objetivo é compreender as transformações do espaço urbano de modo retrospectivo com a centralidade urbana e o desenvolvimento da cidade. Assim como compreender porque esse espaço público não é mais o principal ponto de manifestações culturais e de relações sociais de Campo Grande. Uma metodologia que discuta o tema, através de uma pesquisa de campo com questionários visando às percepções das pessoas sobre a praça atualmente assim como as histórias que elas sabem da mesma. Assim poderemos concluir que ações de contemporaneidade são os resultados positivos e incentivadores das políticas culturais e de desenvolvimento local.

Palavras-chave: Praça. Percepção. Espaço urbano.

Abstract: The article presented here aims to analyze which relationships and perceptions about the object of study as part of theoretical assumptions and oral histories of people who aim to mitigate the identity Square Ary Coelho, in central place in our city of Campo Grande / MS, as well as its cultural and historical heritage overturning. This study focuses on the historical, cultural and socio-spatial relationships within local contexts territoriality. The goal is to understand the transformations of urban space retrospectively to the urban center and the development of the city. As well as understand why this public space is no longer the main point of cultural events and social relations of Campo Grande. A methodology to discuss the subject, through a field survey with questionnaires aiming at people's perceptions of the square today as well as the stories that they know the same. So we can conclude that contemporary actions are positive and supportive of cultural policies and local development.

Keywords: Square, Perception. Urban space.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande.

² Professor Adjunto do curso de Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande.

Introdução

A problemática principal deste artigo é a busca pela compreensão das relações e as transformações que ocorreram na Praça Ary Coelho, na cidade de Campo Grande-MS, de acordo com o tempo e o espaço. Tanto a cidade quanto o local de estudo sofreram mudanças em um curto período de tempo, decorrente do papel que a cidade assume ao se tornar capital do estado e da criação de novas centralidades no espaço urbano.

Com base nos novos conteúdos urbanos assumidos pela cidade, podemos considerar que as características do perfil do público que frequenta a Praça Ary Coelho também foram modificadas, pois outros locais caracterizados como ponto de encontro e destinados a lazer foram construídos, como por exemplo, praças de alimentações de *shoppings centers*.

A cidade se reproduz na contradição entre eliminação substancial e manutenção persistente dos lugares de encontros e reencontros, da festa, da apropriação do público para a vida. Há resíduos e resistências nos subterrâneos que fogem ao processo homogeneizador e terrificante do capital. (CARLOS, 2011, p.91)

A justificativa principal do objeto de pesquisa – a Praça Ary Coelho – está na importância histórica que ela possui para a cidade, passando por diversas modificações, as quais alteram também seu uso e as relações que estabelece com as pessoas.

O trabalho de pesquisa deve envolver, sempre, este olhar ao redor e vincular o fato narrado a outros contextos sociais, ou seja, partir do conhecimento da micro-realidade à totalidade social, da conjuntura à estrutura. Ao leitor atento fica evidenciada a proximidade com a sociologia compreensiva, uma vez que é no indivíduo, na ação social que se encontra a fonte de dados significativos para a interpretação. Todavia, a referência não se esgota aí, dado que cabe apontar para a explicação da sociedade, da história. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p.18)

Considerando que por muito tempo a área da Praça Ary Coelho possuía relevante ponto de encontro da cidade de Campo Grande e que, atualmente, está sofrendo com as mudanças de centralidade, torna-se relevante compreender os aspectos atuais que envolvem o uso da praça pelos seus moradores. A questão que desponta estaria em identificar se há diferença entre os diferentes segmentos sociais que frequentam a praça e, principalmente, como utilizam este espaço. Seria um local de encontro e de lazer? Seria um local voltado a atividade comercial? Ou seria somente um local de passagem?

Metodologicamente, a pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico sobre os autores que discutem o tema sobre espaço urbano e centralidade urbana, bem como relatos de autores que discutem a história da Praça Ary Coelho e suas transformações no tempo. Ainda nesta perspectiva, foram “ouvidos” indivíduos que conhecem a história da praça e que vivenciaram suas mudanças. A fim de identificar o perfil do público que utiliza a praça na atualidade, foi realizada atividade em campo e aplicado questionários a estes usuários.

Deste modo, além desta introdução e das considerações finais, o presente artigo está dividido em três partes. A primeira parte conta um pouco das relações das praças na história e no desenvolvimento de uma cidade. A segunda parte conta a história da Praça Ary Coelho na cidade de Campo Grande, apresentando as transformações estruturais e os tipos de públicos frequentadores no decorrer do tempo. Por fim, a terceira parte são as percepções das pessoas que frequentam e utilizam a Praça atualmente. A história da Praça Ary Coelho é apresentada por três grupos distintos: primeiramente por moradores antigos da cidade, logo em seguida por trabalhadores, que utilizam o espaço para obter e complementar suas rendas, e por último, as percepções dos sujeitos que passam pela Praça, seja para ir ou voltar do trabalho, por motivo de lazer ou apenas como refúgio para um descanso.

A praça e a cidade

O termo praça no dicionário *on-line* Michaelis (2009), quer dizer; Lugar público e espaçoso; largo. Área mercantil. Circo. [...] Conjunto das casas comerciais e bancárias de uma cidade. [...]. Como ponto de partida pode-se destacar como lugar público, onde transitam pessoas de uma cidade, que estão inseridas no espaço urbano. Já a cidade “[...] consolida-se como centro de comando para a economia capitalista. [...] o capital concentra os seus meios de produção, circulação e realização, subjugando o trabalho do homem e, por conseguinte, as relações sociais às suas necessidades de reprodução” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 210).

Logo: “O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 2012, p. 30-31).

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

O espaço urbano, portanto, é um produto apropriado desigualmente pelas diferentes classes e camadas sociais posto que sua apropriação ocorre em evidente concordância com seu consumo privado. A partir desse definem-se no espaço suas porções desiguais, no qual o espaço é uma mercadoria nutrida de preço e especulação capitalista, objetivando-se inviabilizar ou anular o acesso à determinadas porções do espaço para camadas sociais que detêm um poder de aquisição/apropriação menor. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 211).

Dessa forma o espaço público, promove e torna-se um elemento de diferentes relações, sejam econômicas, sociais e culturais. Destacando que o desenvolvimento do espaço urbano como cidade está diretamente ligada aos objetos de sua ocupação.

A história da paisagem urbana mostra os sinais do tempo que nela impregna suas profundas marcas. O mundo é produto do homem, da sociedade e, portanto o espaço produzido em cada momento será concretamente diferenciado. Podemos entender o mundo sensível como produto do homem, resultado da atividade de várias gerações, cada uma ultrapassando a precedente e aperfeiçoando sua indústria, seu comércio, e com isso criando infinitamente novas formas. (CARLOS, 2011, p.58)

Logo a praça se torna paisagem modificada pelo homem e, ao mesmo tempo, ambiente de desenvolvimento gerado por ações sociais e econômicas, promovendo a cidade e o espaço local.

As praças apresentam importante papel na promoção do desenvolvimento local, vez que são um ponto de referência para relações interpessoais, ampliando relações secundárias e reforçando relações primárias dentro de uma mesma comunidade. (FARACCO; DORSA, 2016, p. 141)

Nela, os jovens, crianças, adultos e idosos têm seu espaço para promover o encontro com sua família, contemplar os espaços turísticos, a natureza, além de contar com todo o desenvolvimento comercial oferecidos ao público que utiliza o espaço da praça em uma cidade. E conseqüentemente cria-se a história do lugar:

[...], quando andamos pelas praças, ruas e avenidas de nossa cidade não nos preocupamos com o conteúdo histórico real que esses espaços possuem. Atentamos, raras vezes, ao barulho, ao movimento, aos passos sempre apressados dos transeuntes, ao tráfego, a variedade de produtos que nos são oferecidos, mas nunca ouvimos os “ecos de história” que esses espaços insistem em nos transmitir. [...] (NETTO; SQUINELO, 2001, p.19)

As relações históricas dos espaços urbanos, construídas pelas ações e modificações do espaço público ocupado, nem sempre são acompanhados e notados pelos sujeitos responsáveis por tais transformações.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

As manifestações artísticas e culturais de um povo são expressas nas idéias e ideais do projetista que ao projetar uma praça ou até mesmo um jardim, expõe de forma clara e concisa os modismos e atualidades de uma época e de um povo. Os valores também são expressos nos traços culturais contidos nesses espaços públicos, que foram se alterando nos anos e no tempo. Muitos dos valores resistiram, outros modificaram e outros até se perderam. (YOKOO; CHIES, 1991, p. 3)

Logo o homem se movimenta e torna se inserido em uma territorialidade de um determinado grupo, seja na forma cultural ou social a qual frequenta e divide um mesmo território físico como um centro ou uma praça.

As praças em sua maioria, no entanto, se reduziram a espaços verdes, sem representatividade de convívio social para a maioria das pessoas que passam por ela, e conseqüentemente pelo descaso do poder público em reativá-la como sendo espaços de lazer, diversão, datas festivas, dentre outras conotações. Tal perda de representatividade social deu-se especialmente com o advento do capitalismo, ou seja, a partir das grandes navegações. (YOKOO; CHIES, 1991, p. 4)

A agregação de área verde, dentro de uma cidade, na área central onde milhares de pessoas transitam diariamente reflete que o espaço veio para emergir a urbanização assim como o sistema capitalista, ou seja, produz uma nova sociedade. “[...] as praças compostas em sua maioria por espécies das mais variadas e sendo esses organismos vivos e como tal, passível de transformação que, como qualquer organismo com o passar dos anos se altera e se não for cuidado se deteriora” (YOKOO; CHIES, 1991, p. 03).

[...] as novas áreas centrais são criadas para estas cidades se adaptarem e “atenderem” às mudanças decorrentes da dinâmica econômica a partir da mundialização do capital. Tal fato denota, nestas cidades, um processo de redefinição dos seus papéis, bem como revela, na maioria dos casos, a não funcionalidade e/ou incapacidade dos centros tradicionais em receber e “atender” às necessidades contemporâneas da reprodução e acumulação do capital. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 218).

As transformações ocorridas no cotidiano, a circulação de pessoas, representa também a territorialidade, e fundamentalmente os fluxos do capital e as funcionalidades e o papel de um centro comercial de uma cidade. Essas são representações de seus habitantes em uma sociedade movida pelo sistema econômico que as domina.

Nessa lógica dos não-lugares, a praça – na sua origem, um fluxo –, fórum da festa e da sociabilidade e do encontro, torna-se cada vez mais um fluxo, e é também alçada à invisibilidade. Na condição de fluxo, abandona os espaços públicos de livre acesso, para transitar por espaços privados ou privatizados: *shopping centers*, casas

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

noturnas, parques de lazer diversos, postos de gasolina. A praça abandona os lugares, para frequentar, não raro, não lugares. (GASTAL, 2006, p.97)

Para a compreensão de um território é importante buscar dados sobre o desenvolvimento de uma cidade onde o centro está ligado diretamente a uma área central. Que assim como a cidade sofrem mutações socioespaciais de acordo com o histórico, também há todo um processo de reestruturação do espaço urbano.

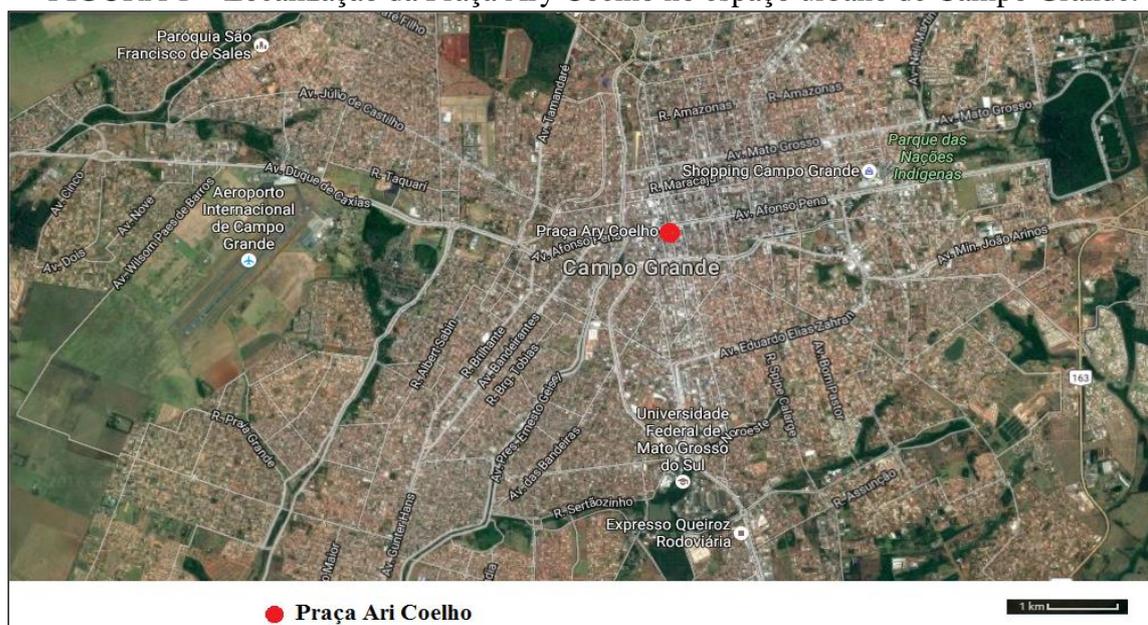
Nessa lógica, não apenas as mercadorias, mas também o capital, facilmente se transferem de local, abandonando operários, máquinas e instalações, se outra região parecer mais lucrativa economicamente. Pouco importa onde a fábrica esteja sediada, seu produto chegará a todo e qualquer local. Ou ainda, o capital pode migrar para a especulação financeira, abandonando a atividade produtiva, caso lhe seja conveniente. [...] (GASTAL, 2006, p.88)

Assim, o espaço geográfico se enfatiza em seu território utilizado para relações sociais em uma área extensa de área verde, grandes arvoredos, coretos e chafariz perpetuam que o indivíduo é um participante fundamental no desenvolvimento da cidade.

A Praça Ary Coelho na cidade de Campo Grande

A Praça Ary Coelho está localizada na área central de Campo Grande, entre a Avenida Afonso Pena e ruas 14 de Julho, 13 de Maio e 15 de Novembro, como demonstra a Figura 1.

FIGURA 1 – Localização da Praça Ary Coelho no espaço urbano de Campo Grande.



Fonte: GOOGLE MAPS (2016).

Na figura 01, fica evidente que a praça ocupa o centro da cidade. Está localizada numa área que compõe o centro principal na atualidade, mas que também possuía importante centralidade antes mesmo da cidade se tornar capital do novo estado, desmembrado de Mato Grosso.

Em 1909 se deu o novo ordenamento viário da cidade, com a nova proposta urbanística da planta de Nilo Javari Barém, o qual já enxergava o local destinado a praça como um de possível fluxo urbano central da cidade. Até então esse espaço era um cemitério (Figura 2). “Recebeu, inicialmente, o nome de Praça 2 de Novembro em 1913 e, em 1915, passou a ser denominada Praça Municipal ou Jardim. Na década de 20 é cognominada de Praça da Independência e nos anos 30, Praça da Liberdade” (FARACCO; DORSA, 2016, p. 146-147).

FIGURA 2 - Praça central (atual Ary Coelho) em foto do início do século XX, logo depois da mudança do cemitério.



Fonte: WIKIPEDIA.

Depois do ano de 1909, e após a utilização do espaço pelo cemitério, a cidade sofreu profundas mudanças, havendo a redefinição da circulação de capital, pessoas e produtos. Tais

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

mudanças ocasionaram modificações na centralidade urbana, influenciado na reestruturação da cidade com repercussões na vida social.

Neste local, por volta de meados da década de 1920, e sobretudo nos anos posteriores, eram feitas atividades citadinas das mais diversas, tais como a realização de músicas por parte de orquestra e a venda de bebidas e alimentos aos frequentadores do espaço. Além disso, deve-se frisar que o respectivo espaço em questão não era, em tese, território para todos os tipos de sujeitos e que a presença de pessoas no local era determinada por horários. Nos dias úteis, o funcionamento era das 6 às 22 horas. Já aos domingos e feriados o encerramento ia até as 24 horas. (DAL MORO, 2012, p. 209)

Dessa forma, nesse período, a Praça da Independência, como era denominada, atendia um público seletivo e tinha horários restritos para utilização do espaço. Portanto, nesse primeiro momento, essa área que tinha como objetivo ser um local público para todos da cidade, fazia-se algumas exclusões:

[...] a Praça Ary Coelho serviu nas décadas entre 1920 e 1930, como instrumento de uso quase que exclusivo da elite local. Comportando coreto e pavilhão de chá com apresentações regulares de orquestra, a praça chegou a ser cercada e com horário estabelecido para funcionamento". (OLIVEIRA NETO, 2003, p. 56)

No ano de 1922 a área foi remodelada, com a construção de canteiros, plantio de árvores, a construção do Coreto e Pérgula. Em meados do ano de 1925 foi criado o Pavilhão do Chá, com a finalidade de criar uma área de lazer na cidade (Figura 3).

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

FIGURA 3 - Jardim Municipal no ano de 1920.



Fonte: WIKIPEDIA (2016)

Na Figura 4 tem-se uma fotografia da Avenida Afonso Pena na qual se pode observar a entrada do Jardim Municipal (atual Praça Ary Coelho) na década de 1920.

FIGURA 4 – Avenida Afonso Pena – Entrada da Praça.



Fonte: http://www.capital.ms.gov.br/arca/canaisTexto?id_can=7513

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Segundo Oliveira Neto (2003, p. 56) “com o passar dos anos, ela assumiu a sua verdadeira função de centro irradiador de fluxos e ponto de encontros e local de lazer, já concebido na proposta urbanística da planta de Nilo Javari Barém”.

Desta forma, a constituição do relógio enquanto referencial de horário, encontros e manifestações políticas e populares; a praça Ary Coelho, como elemento de sociabilidade, lazer, cultura e informação; a instalação das principais casas comerciais ao longo da 14 de Julho; e as reuniões informais de comerciantes e pecuaristas em determinados locais públicos, solidificaram, na mentalidade dos habitantes de Campo Grande, a importância econômica, política e social da rua 14 de Julho. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.57)

Diante disto a Praça Ary Coelho possui relevantes fatos históricos e de urbanização, desde seu cunho religioso, por sediar o primeiro cemitério da cidade, até a concretização da ideia do engenheiro Nilo Javari Barém, que sentiu a necessidade de transformar a área como um espaço central, tornando essa área em um ambiente público e de notoriedade para a cidade, retirando o cemitério e expandindo a cidade ao norte. Logo:

Na Ary Coelho, tornou-se comum a realização de pequenos eventos artísticos e culturais. Artesãos, feirantes e produtores de outras regiões que traziam mel, artesanatos, bordados, confecções e diversos outros produtos, encontravam naquela praça central o local ideal para as suas exposições. Nela concentravam-se, também, os lambe-lambes, tipo de fotógrafos que tiravam fotos para documentos. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.57)

O comércio envolto a praça cresceu depois da mudança do cemitério. Nesta época o comércio era pequeno, pois existia uma lenda urbana ligada a “maldição da praça” (espíritos dos mortos), uma lenda do varejo local, que não deixava que o comércio prosperasse no local. Muitos comerciantes da época afirmavam que lá os negócios não prosperavam devido à vizinhança sombria, se eles abrissem em outro local prosperavam rapidamente (CORREIO DO ESTADO, 2015).

Com a criação da praça anos mais tarde, o comércio e a vizinhança mudaram muito, os comerciantes surgiram aos montes, novos comércios surgiam rapidamente e a cidade começou a se desenvolver rápido. Ao lado de uma área verde, os clientes se divertiam na praça e consumiam os produtos dos comércios ao redor.

Havia a Farmácia Royal, que ficava na confluência da Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de Julho e a Farmácia São José, [...] Não se pode menosprezar a Padaria Espanhola, o Bar Cinelândia, também na esquina da Rua 14 de Julho com a Avenida

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Afonso Pena, a Casa Mineira, na Rua 15 de Novembro, e a Casa Mansour, na Rua 14 de Julho, bem como várias outras. (DAL MORO, 2012, p. 211)

Além do aumento do comércio e de serviços nos arredores da praça, houve também uma ampliação de ambientes de lazer, que impulsionavam e movimentavam a noite na área central.

Inúmeros clubes e cinemas também se faziam presentes no espaço do centro urbano, tais como os clubes: Líder, Tênis, Recreativo e Clube do Sílvio. Já os cinemas eram: Cine Brasil (1910), Cine Ideal (1912), Cine Rio Branco, Cine Guanandy (1920), que posteriormente tornou-se o Cine Central, Cine Santa Helena (1926), Trianon Cine (1929), Cine Alhambra e Cine Rialto (1947). (DAL MORO, 2012, p. 211)

Toda essa estrutura e desenvolvimento estavam direcionados também a oferta diversificada de bens e serviços nas áreas centrais, principalmente na Avenida Afonso Pena e as ruas circunvizinhas à localização da praça.

Em 1954, o nome da praça foi mudado para Ary Coelho em homenagem ao Prefeito de Campo Grande assassinado em 1952 em Cuiabá-MT. Ao longo dos anos, a praça recebeu diversas reformas. Em 1957, o coreto foi substituído por uma fonte luminosa e, nos anos 70, foi implantado o *playground*. E nesse mesmo período fatos importantes aconteciam na Praça:

Nas décadas de 1960-70 a Praça Ary Coelho foi campo para inúmeras atividades, tanto oficiais como particulares, tanto políticas como privadas. Nela e nas ruas do seu entorno, como a Rua 14 de Julho e a Rua 13 de Maio, passaram pessoas das mais diversas nacionalidades e de todos os Estados do Brasil, cujos objetivos eram, não pode restar indagação, os mais diversos. (DAL MORO, 2012, p. 220)

Em 1996 a Praça Ary Coelho foi totalmente reconfigurada. Nesta década, a pérgola antiga, a fonte luminosa e os espelhos d'água foram restaurados e mantidos. De acordo com Maciulevicius e Verão (2012), a última revitalização de Praça Ary Coelho começou em setembro de 2011 e foi entregue um ano depois, ficando todo esse período fechada para o público. Ela recebeu pergolado com estrutura em madeira, iluminação moderna, parquinho com piso de avançada tecnologia, sem areia. A maior novidade após a reforma foi o chafariz com fonte d'água com sistema de iluminação e sonorização aos moldes internacionais.

Conforme Maciulevicius e Verão (2012) com essa nova reforma a população da terceira idade foi privilegiada, ganhando uma área especial com academia ao ar livre e local reservado com mesinhas de dama e xadrez embaixo das árvores. Como, de modo geral, a área

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

central da cidade é uma das que mais concentra a população idosa, podem utilizar da praça para momentos de lazer e de encontros.

Atualmente a praça com domínio público mostrou que sua territorialização está sedimentada com a valorização do comércio, presente nos arredores da praça, assim como dentro dela. Assim como em suas laterais existem pontos de transbordo de ônibus, pontos de moto táxi, e também os vendedores ambulantes que ajudam assim promover pontos turísticos na área central de nossa cidade.

A Praça Ary Coelho, já citada como o ponto mais central e de maior sociabilidade da 14 Julho, e tradicional local de realizações de pequenos eventos, como feiras e manifestações artísticas, perdeu esse caráter para a praça do Rádio que, após as obras de revitalização executadas em 2000, transformou-se no principal espaço público da região central para a realização de feiras, amostras, noites de serestas, etc. (OLIVEIRA NETO, 2003, p.61)

Essas evidentes mudanças são consequências de outros pontos e opções de lazer que foram construídos na cidade no decorrer do tempo.

[...] Atualmente, a Ary Coelho é intensamente movimentada no horário comercial, frequentada por aqueles que circulam à espera do transporte coletivo, já que as suas laterais transformaram se em grandes pontos de ônibus, ocasionando a concentração de ambulante que nos seus carrinhos vendem picolés, sorvetes, refrigerantes, águas, cachorros-quentes, frutas, churros, raízes, etc. . [...] (OLIVEIRA NETO, 2003, p.61-62)

Atualmente as manifestações culturais na Praça Ary Coelho são realizadas em projetos Culturais promovidos pela FUNDAC (Fundação Municipal de Cultura), nas sextas feiras o “Som da Praça” e aos domingos o “Chorinho na Praça”. Mesmo perdendo espaço tanto para espaços privados quanto para outros espaços públicos, como a Praça do Rádio, a Orla Morena e o Parque das Nações Indígenas nos altos da Avenida Afonso Pena, a praça se mantém com seu cunho cultural.

A Figura 5 mostra uma fotografia atual da Praça Ary Coelho. Hoje, corresponde a um espaço de 10 mil m², fechada com grades (desde sua última reforma em 2012), com cinco entradas e com horário específico de abertura e fechamento ao público (abre às 05 horas e fecha às 22 horas).

FIGURA 5 – Vista aérea da Praça 2016.



Fonte: <http://www.mochileiros.com/campo-grande-ms-o-que-fazer-por-aqui-com-fotos-t71677.html>

Outro aspecto importante da praça consiste no novo paisagismo, que chama a atenção pela beleza da composição da vegetação e é um dos atrativos do local, com novos canteiros, plantas e flores. A Praça possui, ainda, *Internet* gratuita, o que pode representar um significativo atrativo a população, em especial a mais jovem.

Diante desse novo cenário com novas opções de lazer e de compras em Campo Grande “como *shoppings centers*”, a Praça Ary Coelho carrega desde sua construção até os dias de hoje, as transformações do espaço modificado e das diferentes pessoas que se tornaram elementos da história de Campo Grande. A paisagem urbana se modifica com o surgimento de construções, novas edificações, mudanças nas vias de transporte, no tipo de atividade que se desenvolve, e também nas novas relações e utilizações de um lugar.

A praça na percepção das pessoas

Considerando a Praça Ary Coelho como parte da paisagem urbana de Campo Grande, construída nas percepções dos indivíduos que se utilizam desse espaço, desta forma “[...] o estudo da percepção de paisagens e de lugares tem assumido cada vez mais papel de destaque, uma vez que expressa a preferência, o gosto e as ligações afetivas dos seres humanos e de suas comunidades para com os lugares [...]” (OLIVEIRA, 1989, p. 2).

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Mas são as referências (físicas, culturais ou psíquicas) que permitem ao sujeito situar-se e orientar-se na paisagem. Para melhor perceberem e para sentir a paisagem como algo familiar, as pessoas necessitam assimilar pontos de referência, sejam eles geográficos (montanhas, lagos, riachos, árvores) ou simbólicos (prédios, praças, pontes, barragens, rodovias). (OLIVEIRA, 1989, p. 3)

Assim, a pesquisa se desenvolveu com o objetivo de buscar o sentimento e a afetividade das pessoas perante a Praça Ary Coelho e as relações que cada um exerce nessa paisagem urbana. Dessa forma, também nas inter-relações do espaço:

De outro lado, tudo se reporta às inter-relações orgânicas do ser que pensa o seu espaço, caracterizando o poder do sujeito sobre a natureza, acaba originando a mesma. O espaço tornou-se concebido pela consciência do sujeito que percebe as coisas por via da observação. Para o autor, o interior do sujeito é marcado pela percepção e pelo espaço que estabelece a relação perceptiva própria, que antecede à sua consciência de mundo. Tudo que é percebido pode ser conhecido, a percepção é uma forma de perceber qualquer coisa vista pela aparência. Dentro do objeto existe a essência, então, torna-se necessário conhecer a essência para não ficar preso a aparência, pois o conhecimento está na essência. [...] (PEREIRA, 2010, p. 176-177)

Assim, para foram entrevistadas 20 pessoas no dia 10 de setembro de 2016, no próprio ambiente da pesquisa. Foram selecionadas, 10 pessoas que estavam passeando ou apenas transitando no local, cinco vendedores ambulantes e cinco idosos que conhecessem um pouco da história da Praça e de Campo Grande, com intuito de identificar a visão deles enquanto frequentadores e a respeito do significado que a praça tem na vida das pessoas e da cidade.

O pesquisador deve ter como pressuposto o caráter dinâmico e processual da pesquisa e sua relação com o tema proposto, pois toda a pesquisa qualitativa visa uma perspectiva histórica; sabemos que a realidade social está em constante transformação, da mesma forma, a realidade em torno de um determinado tema de pesquisa não é estática. (GONÇALVES; LISBOA, 2008, p.87)

A pesquisa foi realizada com um questionário de quatro perguntas sucintas sobre a Praça Ary Coelho. Para melhor compreensão acerca das relações construídas entre as pessoas e a praça, foram divididas em três grupos distintos. O primeiro corresponde ao grupo das pessoas idosas que contribuem contando a história oral da praça. O segundo engloba pessoas que trabalham na Praça, como vendedores ambulantes ou prestadores de serviços. Por fim, o terceiro grupo de entrevistados foram pessoas que se utilizam do espaço como lazer ou apenas passagem e percurso. Todos serão identificados apenas com a primeira letra do nome.

Praça Ary Coelho na perspectiva da história das pessoas

Adotou-se a história oral como metodologia de pesquisa, pois

”possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial possam ser ouvidos, deixando registros para análises futuras de sua própria visão de mundo e aquela do grupo social a que pertencem [...]” (CASSAB & RUSCHEINSKY, 2004, p.12)

Com base nesse argumento, em um primeiro momento foram realizadas entrevistas com pessoas idosas, moradores antigos de Campo Grande que conhecem a história da cidade e da Praça Ary Coelho, para identificar como elas “enxergam” a história da praça e as mudanças de significado da mesma.

A história oral se constitui como verdadeiro e eficiente instrumento de investigação quando o pesquisador atribuir um caráter científico a sua pesquisa: ele deve estar orientado por um conhecimento teórico prévio; a problemática da pesquisa deve estar inserida num projeto previamente formulado; as informações sobre o campo a ser pesquisado devem estar coletadas e o uso de instrumentos e técnicas de pesquisa definidos. Durante o processo de pesquisa, a hipótese problematizadora e a fundamentação teórica devem servir como uma ‘bússola’, orientando a investigação cujo principal objetivo é a construção de conhecimento a partir do levantamento, interpretação e análise dos dados empíricos. (GONÇALVES; LISBOA, 2008, p.86)

Dessa forma a fundamentação teórica e o embasamento histórico do objeto de estudo que é a Praça Ary Coelho, precisam estar entrelaçados nas interpretações dos relatos das pessoas que foram entrevistadas.

Na medida em que tais realizações e transformações adquirem um grau maior de complexidade, os grupos sociais se tornam, também, progressivamente mais complexos. É nessa contextualização que os conhecimentos ideológicos se constroem na sociedade, para representar e conceber o mundo, constituindo, assim, uma memória coletiva. (FARACCO; DORSA, 2016, p. 146)

De acordo com as lembranças e memórias presentes de cada entrevistado e a forma como cada relato aflora na mente e na forma que se guarda os acontecimentos vividos e passados.

Vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças afluam, mas podemos controlar a forma como essas lembranças sairão

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

da esfera do íntimo, do privado, e ganharão vida própria no público. (MATOS; DE SENNA, 2011, p.96)

O primeiro entrevistado foi o Sr. F, de 82 anos, aposentado, que no momento da entrevista esperava sua vez para jogar dominó com os amigos, que comentou sobre o cemitério: *“Aqui já foi o primeiro cemitério da cidade, conheço essa Praça desde o ano de 1955, era um lugar bem mais conservado, mesmo não possuindo grades”*. Também é enfático em dizer sobre o fechamento da praça atualmente: *“sem-vergonhice do prefeito, não tinha o que fazer”*. Também retrata a praça como um local para os idosos se divertirem.

Já a Sra. D, 68 anos, aposentada, sentada no banco da praça, esperando sua filha chegar ao seu encontro, contou que nasceu em Rio Verde e veio para Campo Grande em meados do ano de 1958, disse que *“vinha muito a noite passear, agora é fechado não tem como vir, lembro das belas árvores que eram modeladas e podadas”*. Também falou da praça revigorada depois da reforma e seu fechamento: *“fecharam devido a muita bagunça”*. Com satisfação ela conta sobre o prefeito Ary Coelho: *“Conheci o Ary Coelho, ele era muito amigo da minha família, um homem muito bom, aquela estátua logo ali é em sua homenagem”*, referindo-se a estátua que fica na Praça.

Segundo o Sr. N, 60 anos, funcionário público, enquanto jogava dominó conta que em suas lembranças de forma alegre: *“moro há 30 anos, quando era aberto, tinham música ao vivo, ambiente bem agradável, e visualmente era bem mais limpa, sempre venho aqui, pois resido bem próximo, bem aqui no final da Rua 14 de julho”*. Ele também citou que com a reforma a praça agora tem horário para fechar: *“Para evitar a presença de dependentes químicos no período noturno, que tiravam a paz das pessoas antes do fechamento”*. Considerando a Praça Ary Coelho como cartão postal de Campo Grande: *“Com bancos novos e mesas para jogar dominó, aqui sempre tem uma pessoa idosa disposta a dar um conselho”*.

Para o Sr. J, 89 anos, agricultor, em seu momento de descanso e passeio lembra com saudade da praça: *“Frequentava muito essa região, tinha muitos estabelecimentos de festas por aqui”*. Sobre o fechamento da Praça ele argumenta: *“Quando vinha aqui não era cercado, agora é tudo fechado, deve ser por causa da malandragem”*, finaliza.

Tendo como preferência os eventos e manifestações culturais que acontecem na Praça Ary Coelho, o Sr. A, 72 anos, tratorista, enfatiza: *“Conheço essa praça há 10 anos, desde que mudei para Campo Grande, venho aqui sempre para meditar e descansar e sobre as grades, acredito que foi por causa dos usuários de drogas que utilizavam o local”*.

As percepções entre os idosos entrevistados caminham no sentido da nostalgia e da comparação entre como era a praça no passado e como é atualmente. Todos, de maneira geral, ficaram contentes com a reforma, disseram que diminuiu o vandalismo no local. Para eles, a harmonia ainda está presente, e, ainda é um local para se conhecer novas pessoas e fazer amizades. Todos os ouvidos consideram ser um lugar acolhedor, um ótimo lugar para passear e passar o dia.

A busca pelas fontes orais diz respeito à possibilidade da interpretação de temas da história ainda insuficientemente registrada por outros tipos de informações, a fatos relevantes cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso do habitual. Um dos momentos mais sublimes da pesquisa pode ser caracterizado como um momento em que as relações sociais já vividas são dilapidadas e recriadas, quando o hoje visita o ontem com outros olhares e perspectivas, construindo o passado pelo presente e reconstruindo o próprio presente. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p.25)

As concepções de cada um mostram a evolução do espaço de estudo ao mesmo tempo em que os relatos vividos e narrados pelos entrevistados, recriam, registram e documentam as relações históricas da Praça Ary Coelho, contribuindo para o entendimento do presente das pessoas que frequentam e constroem novas relações e momentos no ambiente pesquisado.

A percepção de pessoas que trabalham na praça

Outro grupo de entrevistados são os vendedores da Praça Ary Coelho. Importante destacar que a maioria deles também possui idade acima dos 50 anos. Entretanto, foram colocados num grupo diferente devido o fato de terem outra relação com a praça.

O Sr. A, 76 anos, para completar sua aposentadoria, há três meses vende água de coco na praça, considera esse local como um lugar público de muita utilidade, servindo tanto para passeio ou distração, um ambiente totalmente monitorado, um espaço de respeito e ordem. As lembranças ainda estão na sua memória: “ótimo lugar, conheço a praça desde 1955, vivia lotada, muita gente passeando”. Para ele seu fechamento ocorreu para evitar que vândalos a destruam.

Com a voz baixa e sorriso no rosto o Sr. J, 87 anos, vendedor de picolés há 20 anos na Praça Ary Coelho, revela grande amor por esse ambiente de trabalho e renda: “Não posso falar mal desse lugar, pois aqui tenho muitas histórias, um lugar muito bom, representa o

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

povo popular, antigamente aqui era aberto e havia muita baderna, agora ficou melhor, mudou muita coisa". Para ele a Praça representa uma extensão da sua casa, para justificar isso ele conta: *"Olhe para cima, está vendo aquela corda amarrada no galho dessa árvore? Eu mesmo amarrei há dez anos, com medo desse galho cair sobre meu carrinho de picolés, e nunca ninguém mexeu"*.

A Sra. N, 57 anos, vendedora de chipas, café e refrigerantes, há oito anos, enxerga a Praça Ary Coelho apenas como um local de trabalho: *"Estou todos os dias aqui, ao contrário das outras pessoas, estou aqui trabalhando e para descansar vou para casa. Embora considere aqui um lugar muito especial, local para trazer as crianças"*. E sobre as grades ao redor da Praça ela responde: *"por um único motivo cercaram, para o pessoal não bagunçar"*.

Ao lado da barraquinha da Sra. N, o seu amigo Sr. F, 62 anos, vendedor de água e refrigerantes, há nove anos, discorda da opinião dada por ela sobre o fechamento da praça: *"Fiquei indignado com essa cerca, gastaram muito com esse investimento, poderiam ter construído algo diferente aqui para a praça"*. Sobre os eventos que acontecem no interior da praça ele argumenta: *"Sempre aos fins de semana acontecem feiras com barracas de artesanatos no centro da praça, ocupando muito espaço, prejudicando também nossas vendas, pois eles acabam vendendo água e outras coisas, sou a favor dos Shows, pois aqui é mais propício para isso"*.

No segundo grupo de entrevistados, é possível identificar que as pessoas que trabalham na praça correspondem a um público de faixa etária acima dos 50 anos. Com exceção da Sra. L, 45 anos, vendedora de sorvetes há 15 anos na Praça Ary Coelho, considera esse espaço como um lugar para trabalhar: *"Todos os dias que estou aqui, estou apenas a trabalho e não troco esse serviço por nenhum outro, através dessa renda consigo sustentar minha família"*. Sobre as grades ela questiona: *"não deveria ter cerca, deveria ser livre e ainda fecha a noite"*. Ela vê a praça como um local agradável e aconchegante para todas as idades, sendo que sua principal crítica está no fechamento da praça.

É possível observar que muitos idosos trabalham para aumentar seus rendimentos com relação a sua aposentadoria, caracterizando a praça também como uma fonte geradora de renda, devido ao grande número de transeuntes que existem naquele local. Ao mesmo tempo revela a necessidade desse público em melhorar seus ganhos mensais. Muitos idosos vendem produtos para complementarem suas rendas, como: chipas, café, refrigerantes, água, sorvete, bala, entre outros.

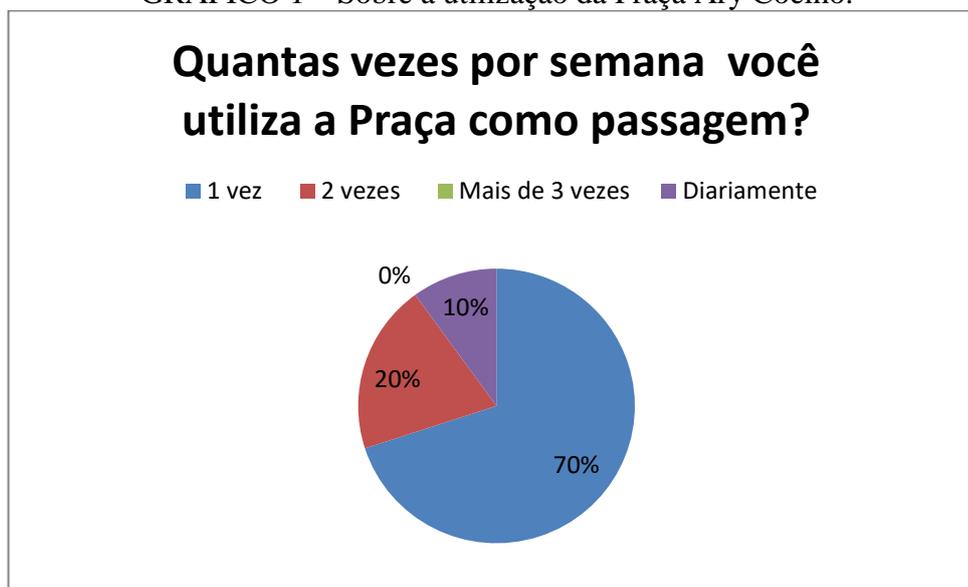
A percepção dos usuários da praça

A praça mudou gradativamente com o decorrer dos anos, aumentando o número de frequentadores, pois além de ser um local situado no centro da cidade possui ainda muitos atrativos como o comércio fora da praça e dentro dela e ainda os terminais de ônibus nas suas laterais que movimentam passageiros e trabalhadores de todas as regiões da cidade. Os relatos dessas pessoas são partes da história das relações sociais da Praça Ary Coelho.

A narrativa constitui a matéria-prima para a História Oral. O narrador que conta sua história ou dá seu relato de vida não se constitui, ele próprio, no objeto de estudo, mas sim seus relatos de vida, sua realidade vivida. Os eventos vistos sob seu prisma e o crivo perceptivo apresentam-se subjetivamente, possibilitando conhecermos as relações sociais e as dinâmicas que se inserem no âmbito de estudo. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p.14)

Para esse grupo de entrevistados, foi aplicado um questionário múltiplo tanto quantitativo como qualitativo, para 10 frequentadores da Praça Ary Coelho, de quatro questões, sendo as duas perguntas fechadas: “Quantas vezes por semana você utiliza esse espaço como passagem ou caminho?” e “Como você definiria a Praça Ary Coelho?”, e duas perguntas abertas com respostas orais e livres: “Qual sua percepção com relação à Praça Ary Coelho?” e “Porque a Praça Ary Coelho é fechada?” O Gráfico 1 se refere à primeira pergunta fechada:

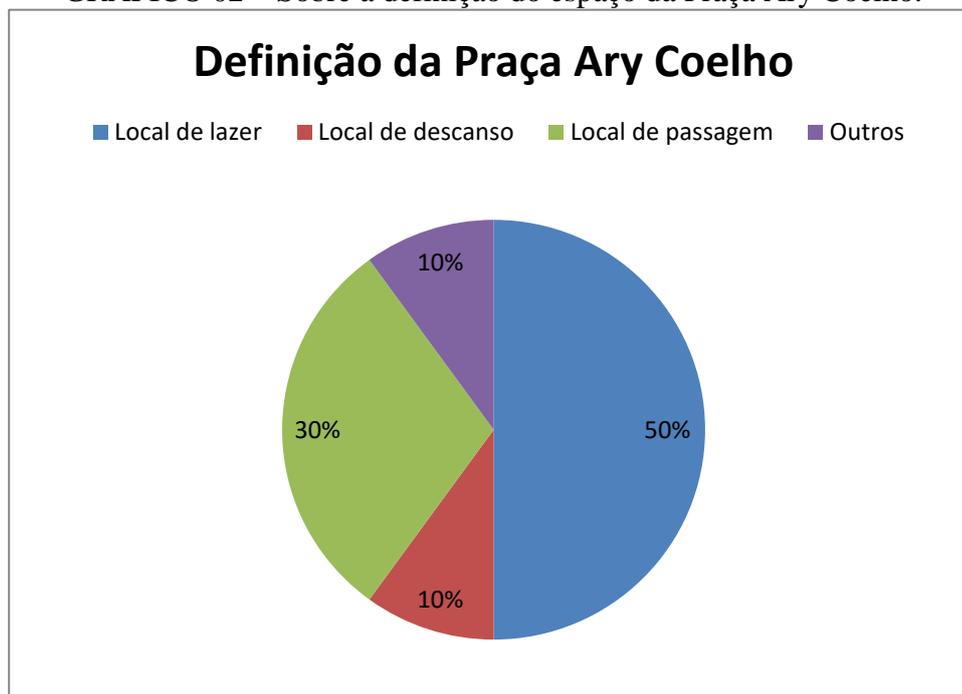
GRÁFICO 1 – Sobre a utilização da Praça Ary Coelho.



Fonte: Trabalho de campo, 2016.

De acordo com o Gráfico 1, 70% dos usuários da Praça Ary Coelho utiliza esse caminho como passagem pelo menos uma vez por semana. É o caso da M, 22 anos, estudante, que declara: *“Pelo menos uma vez por semana passo por aqui, pois meu trabalho fica próximo, tenho um grande sentimento pela Praça, pois se ela não existisse faria muita falta para as pessoas que vem de longe, e muitas vezes ficam o dia inteiro pelo centro. Aqui é um bom lugar para descansar e curtir a sombra”*. Para ela, as grades aos arredores do local foram necessárias para a segurança do lugar. Sobre a definição da Praça, ela considera apenas como local de passagem, sendo assim ela também faz parte da grande maioria entrevistada, como mostra o Gráfico 02:

GRÁFICO 02 – Sobre a definição do espaço da Praça Ary Coelho.



Fonte: Trabalho de campo, 2016.

Metade dos entrevistados, 50% definiram a Praça Ary Coelho como um local de lazer, seguido por 30% que consideram apenas como um local de passagem. Já E, 19 anos, auxiliar de escritório, representa os 10% de pessoas que definiram a praça como local para outras atividades: *“Este caminho não está incluído na minha rotina, pois meu trabalho fica perto da minha casa, raramente passo por aqui, venho aqui somente quando acontecem eventos da minha igreja. Considero apenas como um local de ponto referênci, e para as outras pessoas vejo como um momento de lazer, pois quando passo por aqui sempre têm várias pessoas sentadas, descansando”*. Quanto o motivo de ser cercada ela opina: *“Ela é fechada para ser preservada, para então ser utilizada pela população”*.

S, 25 anos, representante comercial, diz: *“antes da reforma eu não gostava muito de entrar, pois, era sempre suja e muito perigosa em certos horários. Mas agora com a reforma vejo um local tranquilo e bacana para admirar e passear”*. Também retratou sobre seu fechamento: *“Creio que seja por uma questão de segurança e preservação do patrimônio, pois infelizmente nem todos zelam pela conservação da praça”*.

Na percepção de frequentadores mais jovens como as estudantes A, 15 anos, e G, 16 anos, utilizam o local para passear com a família e amigos. Para elas o fechamento está

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

relacionado à segurança e também ao número de pessoas que utilizavam o local para usarem drogas. Segundo relataram, elas utilizam a praça, em média, uma ou duas vezes por semana.

W, 30 anos, serralheiro, diariamente passa na Praça Ary Coelho. Segundo ele a proximidade de sua casa e os amigos que ele tem no local, são os motivos de suas visitas diárias. Ele é bem direto sobre a percepção que ele tem sobre a Praça Ary Coelho: *“É um lugar de encontrar amigos, não tem nenhum dia que não passo aqui para cumprimentá-los”*. Referindo aos vendedores ambulantes, que segundo ele, conhecem praticamente todos que trabalham na Praça Ary Coelho. Morando há quatro anos no centro, construiu uma opinião sobre o motivo das grades no local: *“Por causa dos moradores de rua, todas as outras vezes que reformaram, eles depredaram”*.

Muitos dos relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados por outros tipos de documentos, a fatos cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso. A busca de dados através de narrativas, como parte imprescindível para a elaboração do documento de pesquisa, coloca uma importante questão: a veracidade das informações obtidas. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 8)

Dessa forma, a praça pode ter diversos significados na vida das pessoas. Pode ser um local de descanso para quem compra ou trabalha nas proximidades; um espaço de encontros de familiares nos quais as crianças possam brincar no parquinho, ou ainda um lugar de encontros de namorados. Mas também pode reduzir simplesmente a um local de passagem para as pessoas que trabalham no centro da cidade ou um ambiente de espera do ônibus para seu bairro.

Considerações finais

As entrevistas realizadas evidenciam que a praça passou por profundas mudanças no decorrer dos anos e que, mesmo hoje, ainda possui uma relação com as pessoas que a frequentam. Tais mudanças estão relacionadas diretamente na utilização do espaço. No entanto, a transformação de maior impacto está relacionada às grades que foram construídas ao seu redor, que modificaram tanto a paisagem do lugar, como impuseram restrições de determinado públicos no local.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

As praças, pois, são espaços livres, haja vista, nos dias de hoje serem vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando para pequena parcela da sociedade alternativas de lazer, meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade. (YOKOO; CHIES, 1991, p. 01)

A praça com a estrutura fechada traz maior segurança os seus usuários, como também conservam o local para que não ocorra depredação, e, não se torne local de uso de drogas ou para meliantes atuar em roubos. Em contrapartida, é importante pensar sobre o fechamento de espaços públicos.

Finalmente, por força, por exemplo, da separação dualista entre sociedade e natureza (ou do uso predatório da 'natureza'), instaura-se também uma 'exclusão territorial' às avessas, no sentido não de grupos sociais diretamente 'excluídos' do território, mas, indiretamente, através de territórios parcial ou totalmente excluídos da ocupação e/ou da circulação humana. (HAESBAERT, 2015, p. 36)

Desta forma, como medida de preservação da área que conseqüentemente gerou também a exclusão parcial de um determinado grupo social, neste caso, os usuários de drogas e moradores de rua, não podem de certa forma ocupar a Praça Ary Coelho como espaço público em determinados horários, em contrapartida a segurança e o patrimônio público são preservados.

Nesse sentido os grupos que frequentavam a Praça Ary Coelho no período noturno, considerados "diferentes" perante a sociedade, já não fazem parte das relações desse espaço. Automaticamente as relações pessoais e sociais agora acontecem somente durante o dia. E segundo o levantamento teórico e os resultados da pesquisa aplicada, essa nova territorialidade, formada por um público diurno, se diz satisfeita pelo novo espaço e suas novas relações.

Por outro lado, o objeto de estudo na memória e nas percepções das pessoas que utilizam o espaço público, ou seja, a Praça Ary Coelho, guarda em seus relatos e depoimentos um sentimento de afetividade e de apropriação, uma vez que o próprio indivíduo se sinta personagem construtor da história e de todas as transformações que nela se evidenciam.

Através de todo o processo desse estudo também ficou evidente o papel que a Praça Ary Coelho tem nas relações das pessoas na cidade de Campo Grande. A maioria dos usuários desse espaço público utiliza esta região apenas como passagem diária, desde modo este local foi perdendo a identidade como único local de manifestações culturais e de lazer da cidade, pois atualmente existem outros ambientes que dividem o público da cidade, citando como

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

exemplos a Praça do Rádio, o Parque das Nações Indígenas, a Orla Morena e ainda os *shoppings Centers*. Desse modo na Praça Ary Coelho o que predomina atualmente são os fluxos de trabalhadores e passageiros de ônibus que precisam estar inseridos nesse território.

Referências

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, 2004, 16: 7-24.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo, Editora Contexto, 2011.

CORREIO DO ESTADO. Conheça a lenda urbana da “Maldição da Praça Ary Coelho Campo Grande. **Jornal Correio do Estado**. Disponível em: <<http://www.correiodoestado.com.br/cg-116-anos/conheca-a-maldicao-da-praca-ary-coelho/255898/>>. Acesso em 01 out. 2016.

DAL MORO, Nataniél. Espaço público e territorializações noturnas no centro da cidade de Campo Grande: praça Ary Coelho e seu entorno. **Territórios e Fronteiras**, 2012, 5.2: 202-223.

FARACCO, Maysa; DORSA, Arlinda Cantero. As praças de Campo Grande: um olhar na memória e na educação patrimonial. **Multitemas**, 2016, Campo Grande-MS, n.39, p.139-153,

FREIRE, Heitor. A Praça Ary Coelho. **Campo Grande News**. Campo Grande, 2012. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/artigos/a-praca-ary-coelho>>. Acesso em: 25 set. 2015.

GARCIA, Daniela Sottili. **Identidade cultural e imagem turística projetada da Cidade de Campo Grande**, Mato Grosso do Sul. 2013.

GASTAL, Susana. **Alegorias Urbanas: O passado como subterfúgio**. Campinas/SP, Papyrus, 2006.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, 2008, 10.3: 83-92.

HAESBAERT, Rogério. Precarização, reclusão e “exclusão” territorial. **Terra Livre**, 2015, 2.23: 35-51.

MACIULEVICIUS, Paula; VERÃO, Helton. “A poucas horas de inaugurar, na Praça Ary Coelho ritmo de trabalho é acelerado”. **Campo Grande News**. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/a-poucas-horas-de-inaugurar-na-praca-ary-coelho-ritmo-de-trabalho-e-acelerado>>. Acesso em: 28 out. 2016.

MATOS, Júlia Silveira; DE SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, 2011, 2.1: 95-108.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

MICHAELIS. **Dicionário online**. Editora Melhoramentos 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/praca%20_1026175.html>. Acesso em: 01 abr. 2016.

NETTO, Alexandre Panosso; SQUINELO, Ana Paula (ORGS). **Imagens, Memórias e Histórias: um passeio pelas praças e avenidas de Rondonópolis – MT**. Rondonópolis/MT, APS Editora, 2001.

OLIVEIRA, Livia, et al. A percepção da paisagem como metodologia de investigação geográfica. *Encuentro de geógrafos de america latina*, 1989.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gilberto Alves de. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. *Sociedade & Natureza*, 2008, 20.1: 205-220.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino de. **Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade**. -. 2003. 181 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92847>>.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; DE OLIVEIRA, Anelito Pereira. Geografia fenomenológica: espaço e percepção-PHENOMENOLOGICAL GEOGRAPHY: SPACE AND PERCEPTION. **Caminhos de Geografia**, 2010, 11.35.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Edusp, 2012.

WEINGARTNER, Gutemberg dos Santos. **A construção de um sistema: Os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande, MS**. 2008. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

YOKOO, Sandra Carbonera; CHIES, Cláudia. **O Papel Das Praças Públicas: Estudo De Caso Da Praça Raposo Tavares Na Cidade De Maringá**. SILVA, 1991, 13.

Recebido em 10 de novembro de 2017.

Aceito em 7 de dezembro de 2017.